

# Democracia à prova

AMERIGO INCALCATERRA

Nos últimos anos em todo o mundo, milhares de homens e mulheres exigiram educação, trabalho, moradia e participação nas decisões que lhes afetam. Exigem uma vida digna, sem medo e na qual os direitos humanos sejam uma realidade. As redes sociais mostram ao mundo suas reivindicações. E, quando não têm resposta satisfatória, tomam as ruas.

Na América do Sul, a cidadania também requer de seus governos o cumprimento das promessas eleitorais. Isso é um alerta: já não basta ganhar eleições, a cidadania demanda um permanente diálogo com as autoridades.

O protesto tem sido um dos motores das maiores mudanças políticas e sociais. Já promoveu a queda de ditaduras e tornou realidade o voto universal, o fim da escravidão, o respeito pela diversidade sexual, o fim do apartheid e a reparação para vítimas, entre muitas outras conquistas.

Na região, porém, alguns governos veem as manifestações legítimas como ameaças à sua autoridade. Por isso, tentam conter e dissuadir os protestos, citando atos de violência — frequentemente isolados e sem conexão — que aconteceram em alguns protestos para justificar discursos populistas e políticas “duras”. A resposta muitas vezes é desproporcional e desnecessária diante da alegada ameaça à ordem pública ou à propriedade privada, apelando às vezes ao uso excessivo e indiscriminado da força e a detenções arbitrárias.

É muito alarmante ler sobre mortes e feridos como se fossem previstos ou inerentes aos protestos. Preocupam, também, medidas e leis que visam a ampliar a definição de delitos de desordem pública — ou ainda os equiparando com atos de terrorismo — e iniciativas que aumentam o campo de atuação das forças policiais ou permitem a detenção de manifestantes apenas

pelo fato de cobrirem seus rostos. Também preocupa o uso das Forças Armadas em tarefas de segurança cidadã e em protestos.

Em vez de propiciar condições para o exercício legítimo do protesto, iniciativas deste tipo geram impunidade nos casos de excessos das forças públicas. E, embora o Estado tenha o dever de garantir a segurança de todos, não pode desconhecer sua obrigação de proteger os direitos das pessoas que se manifestam pacificamente.

No entanto, os organizadores de um protesto têm um papel importante de autovigilância. E os meios de comunicação têm a função essencial de informar de forma responsável e verdadeira sobre o desenvolvimento das manifestações e a legitimidade das reivindicações.

Quando o direito a protestar pacificamente é protegido e exercido adequadamente, é uma ferramenta poderosa para promover o diálogo e

a participação. Também para responsabilizar os líderes e pedir que contas sejam prestadas. Estes direitos como tais não fomentam a violência, mas nos resguardam dela.

A experiência mostra que as piores tempestades políticas ocorrem quando os governos tentam reprimir estes direitos, pois a repressão alimenta a frustração e a violência. Em uma região com altos níveis de desigualdade e um passado recente de abusos sistemáticos de direitos humanos, é imperativo que as autoridades privilegiem o diálogo.

Ignorar as reivindicações já não é uma opção. Está na hora de escutá-las, levá-las em conta e avançar na construção da sociedade de direitos prometida. ●

*Amerigo Incalcaterra é representante regional para a América do Sul do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos*

N. da R.: Veríssimo escreve, temporariamente, no caderno Copa 2014

JOÃO UBALDO RIBEIRO

## Grave desfalque na seleção

Há heróis anônimos, ignorados ou esquecidos, em toda parte. Não seria diferente em relação à Copa. Pelo país afora, tenho certeza de que muitos compatriotas estão tomando providências essenciais para ajudar a equipe brasileira a chegar ao hexa, que nunca serão reconhecidas e muito menos celebradas. Eu mesmo, modestamente, já contei aqui da oportunidade em que, na companhia de meu pai, colaborei com o sucesso do Brasil, na Copa de 58. Meu pai, que botava uma garrafa de uísque Cavalo Branco ao pé de nossa radiola Standard Electric de última geração, se perfilava na hora do Hino Nacional e usava o mesmo pijama que usou na vitória sobre a Áustria no primeiro jogo, ficou apreensivo porque, logo em seguida, não passamos de zero a zero com a Inglaterra. Mas, pouco depois, com os olhos acesos, me comunicou a descoberta sem a qual talvez aquela Copa não tivesse sido nossa.

— Você estava no banheiro, dando descarga, bem na hora em que Nilton Santos fez o gol, eu me lembro perfeitamente. Precisamente no instante em que a descarga disparou, ele fez o gol. Acho que não preciso dizer mais nada ao senhor.

De fato não precisou e ainda bem que, naquela época, não se falava em falta de água no planeta, do contrário eu carregaria culpa o resto da vida, porque o jogo que veio depois, contra o País de Gales, ficou num um a zero mirradinho, mas eu calculo por baixo que dei umas quarenta descargas. Era duro sincronizar a descarga com uma jogada de nosso ataque, só fui pegar um pouquinho de know-how quase no fim do jogo. Não sei qual seria meu destino, se Pelé não tivesse feito o nosso golzinho, porque meu pai não costumava ser muito compreensivo numa situação dessas. E houve diversas outras ocasiões semelhantes, tenho certeza, em que nossa contribuição foi muito importante, ou mesmo decisiva.

Claro que a ilha nunca esteve fora dessas atividades de suporte, mas este ano surgiram fortes dúvidas, até quanto à nossa torcida. Como sabe a meia dúzia de três ou quatro que me lê todo domingo, Zecamunista estava para, mais uma vez, pôr em ação seus talentos subversivos, e reatizar passeatas de protesto, nos dias de jogos do Brasil. Mais tarde, ele próprio adaptou o horário das passeatas, a fim de dar tempo de o pessoal ver os jogos. Mas, na semana passada, para surpresa geral, anunciou que não haveria mais passeatas. Foi vencido num debate em que seu opositor, Geraldo Tuberculoso, mostrou com eloquência que o jogo de futebol não se resume aos noventa minutos de bola rolando. O jogo de futebol tem o antes, o durante e o depois, sendo que muitas vezes o que menos interessa é o durante, que passa ligeiro e não se compara a um bom depois de vários dias, com melhores momentos, replay, tira-teima, discussão e tudo. Desta forma, é uma violação dos direitos humanos do torcedor marcar passeatas perto dos jo-



**É uma violação dos direitos humanos do torcedor marcar passeatas perto dos jogos da Copa**

gos da Copa e possa ser até crime hediondo, pois privar o torcedor de seu depois, em alguns casos, mata.

Zeca cedeu à vontade da maioria, embora muitos tenham questionado seu patriotismo. Era chato acusar um membro da coletividade tão respeitado e de currículo tão invejável, mas a verdade é que parecia haver motivos para fazê-lo suspeito da prática de quinta-columnismo. Comentava-se abertamente que ele não torceria pelo Brasil. Ou, pior ainda, torceria contra o Brasil. Ora, vamos e venhamos, tudo tem limite neste mundo e torcer contra a pátria amada fica muito chato para um cidadão de Itaparica. E foi envolvido nesse clima de desconfiança e desaprovação que ele, melindrado, não falou nada e se recolheu a sua residência.

Como a Copa já se inicia na quinta-feira, a preocupação com ele deu lugar a providências urgentes para escorar a seleção por todos os lados. Com essa conversa de passeata, perdeu-se tempo precioso. As medidas de ordem pessoal eram da responsabilidade de cada um, mas a coletividade tinha que empreender alguma ação conjunta, algo que simbolizasse a união de todos em torno da vitória. Prontamente se chegou ao grande santo Santo Antônio, cujo dia é na próxima sexta e cujo mês é este. Sempre houve novenas de Santo Antônio na ilha e agora, mais do que nunca, cabia re-

correr a ele. Dona Fabinha, grande devota dele e beata irretocável, de bom grado realizaria o trabalho de organização. E assim estavam deliberando, quando uma conhecida voz roufenha se fez ouvir à soleira do bar.

— Vocês me acusam de falta de patriotismo, mas são vocês que podem estar cavando uma derrota para o Brasil! — disse Zecamunista. — Eu não me contive e vim fazer um alerta! É meu dever!

— Deixe de ser doido, Zeca, nós estamos aqui acertando umas novenas de Santo Antônio, para ele ajudar a seleção.

— É isso mesmo! A bom santo vocês se encomendam!

— Você não vai falar mal de Santo Antônio, só faltava esta.

— Falar mal, não, eu vou aos fatos! Santo Antônio é português! Português! E até para os portugueses, andou aprontando, chegou a ser rebaixado no Exército, por fazer corpo mole contra os holandeses! Se o padre Vieira não reclama e chama ele às falas, ele tinha passado a guerra de férias! Ele deve estar com Cristiano Ronaldo e não abre!

Uma sombra enregelada abateu-se sobre o ambiente. Não se podia negar aquilo, Zeca sabia do que estava falando. E, mesmo que não se desconfiasse da lealdade do santo, é chato pô-lo numa batina justa, tendo que escolher entre sua terra de berço e outra onde é tão benquisto. A verdade inescapável é que não dá para contar com Santo Antônio nesta Copa, o mundo vai acabar. ●

*João Ubaldo Ribeiro é escritor*

## Lula e Barbosa, duas faces de um projeto

PAULO GHIRALDELLI

Nunca houve nada igual a Joaquim Barbosa no STF. Ele mudou a face do Supremo e, de certo modo, do Brasil.

O ministro Barbosa é fruto do mesmo movimento que criou o PT. Ele poderia ter sido estudioso e inteligente como de fato foi e ainda é, mas não chegaria ao que chegou sem que, junto do movimento social que criou o PT, também não emergissem os movimentos de minorias que, enfim, o indicaram a Lula para ser ministro. Chegando ao Supremo, ele fez a parte do projeto do movimento social que Lula havia deixado de fazer. Lula tirou muita gente da miséria, fez uma parte do prometido. Barbosa fez a outra parte: ele prendeu aqueles políticos — até um ex-ministro — metidos em corrupção e que atentaram contra o funcionamento da democracia liberal, consagrada na nossa Constituição.

Lula deveria ter compreendido Barbosa como o homem que estava fazendo o outro lado do que ele próprio, Lula, sempre quis fazer, ao me-

nos até o mensalão. Mas Lula não conseguiu entender Barbosa porque no meio do caminho deixou alguns do PT irem longe demais. Ou melhor, não deixou, apenas não conseguiu mais impedi-los, uma vez que ficou nas mãos das negociatas do “mensalão” e adendos.

**Os dois vão ser lembrados no futuro, e já estão sendo, como heróis desse tempo**

Barbosa fez valer sua cor, sua raça — em duplo sentido. A cor lhe deu orgulho para não ceder. A raça ele mostrou ter ao enfrentar não só o governo, mas também a oposição (não se enganem quanto às elites brancas e seu “apoio” a Barbosa!), para levar adiante, como fez, o embate contra forças poderosíssimas, inclusive as alocadas em parte da mídia. Barbosa agiu sozinho. Engano pensar que teve apoio político-partidário. Ele sempre soube que nenhum dos partidos o queria como um

intelectual independente. Poucos negros tiveram tamanha consciência étnica!

Talvez Lula, a quatro paredes, em determinados momentos, possa até se imaginar como sendo aliado de Barbosa. Mas talvez não mais. Pode ser que o cachimbo já tenha moldado a boca de Lula de tal maneira que tudo que ele fala, até sozinho, seja já com a boca torta. Talvez ele não reconheça o Lula dos anos 80, parecido com Barbosa, no espelho de hoje. Mas Barbosa se reconhece o mesmo.

Faltam bons passos para sermos uma autêntica república democrática. Mas, em 40 anos, ao menos por esse prisma que enfoquei, fizemos muito. Lula e Barbosa vão ser lembrados no futuro, e já estão sendo lembrados, como heróis desse tempo. Como também acontecerá com Fernando Henrique Cardoso, que faz parte do mesmo ciclo, como o professor que instaurou a estabilização da moeda, propícia para os feitos de Lula e Barbosa. Os historiadores preocupados com ciclos médios, então, escreverão a História como eu a esbocei aqui. Vocês verão. ●

*Paulo Ghiraldeilli é filósofo*

## Revisão da autoanistia

JOEL RUFINO DOS SANTOS

Disse-me um chofer de táxi que, nas próximas eleições, votará no menos pior. Hegelianamente ponderei que o menos pior é o melhor, ele não aceitou. Em casa é que me dei conta da sutileza. Menos pior é um significado que se insinua no vernáculo para nomear uma terceira instância: pior é o pior quase absoluto; menos pior é o pior relativo. E, no campo semântico brasileiro, deixa de ser um anátema para ser uma honra. É um prêmio ser o menos pior.

O mesmo filósofo-chofer me disse que Dilma é a pior (é a opinião dele), Aécio não é nada e Eduardo Campos é o menos pior. Na quarta, 28 de maio, leio na primeira página do GLOBO: “Campos é contra rever anistia.” Considero com boa vontade suas razões. Em suma, ele diz que a Lei de Anistia foi para todos os lados, ampla, geral e irrestrita. Ele não sabe (ou não quer saber) que a anistia foi uma autoanistia, que não há simetria entre o crime de sublevação e o de trucidar moças, rapazes, velhos e crianças (há quanto tempo Eduardo não lê jornal ou vê televisão?). Ele não sabe (Lula é o maior dos não-sabedores) que esses rapazes e moças, quando deram a sorte de sobreviver, cumpriram penas pela Lei de Segurança Nacional.

A ideia de que justiça é revanche é um *habitus* de oligarquias e máfias (e o governador de Pernambuco não pertence a nenhuma das duas). Tortura é crime imprescritível contra a humanidade.

Eduardo não sabe em que mundo está? Um político que acredita na legitimidade de uma lei de 35 anos atrás não tem noção de conjuntura, não deveria se apresentar candidato à Presidência 40 anos depois. Muito menos como socialista. O pouco que restou do socialismo foi o compromisso com as formas elementares de justiça — e um partido socialista, no começo do século XXI, não pode aspirar a mais do que isso. Clio, uma deusa caprichosa, talvez tenha dado a esses partidos apenas a alegria de humanizar o capitalismo. E em compensação doou aos conservadores a capacidade de se dizerem socialistas.

Alguns torturadores estão pedindo, pela mídia, para serem punidos. Narram, como no confessionário, todos os detalhes do que fizeram. O candidato “socialista” é cruel: nega-lhes a punição.

Há duas torturas, unidas como as faces de uma moeda. A da ditadura sobre presos políticos; e a dos brasileiros contra si próprios, na atualidade. Quem defende a autoanistia da primeira é insincero quando reclama da tortura praticada por bandidos e policiais hoje.

Qualquer tortura é crime contra a humanidade, pois só ela é capaz de transformar um homem em morto-vivo. Sua natureza é a mesma — seja a aplicada sob as ditaduras contra presos políticos, seja a aplicada nas democracias contra os pobres. Preto no Brasil por exemplo, é um dos nomes para pessoa torturável.

Lá vai o governador de Pernambuco para a vala indigente da oposição oligárquica, boa para ser derrubada pela Revolução de Trinta. Por sua concepção ingênua, compartimentada, da tortura, Eduardo Campos acaba de perder o posto de menos pior. ●

*Joel Rufino dos Santos é historiador*